

GT05: Antropologia da Economia

Arlei Damo, Gustavo Onto

A tematização da "economia", incluindo-se o debate sobre o significado do termo, tem adquirido notoriedade na antropologia contemporânea, com a realização de teses, grupos de pesquisa, eventos e publicações. Desde o nascimento da disciplina, os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, bem como as formas de valoração e de provimento das condições materiais da vida, foram descritos pelas etnografias. Tais produções geraram debates acerca do lugar da economia nas sociedades, uma vez que as investigações antropológicas, realizadas junto a comunidades distantes, ofereciam novas questões e por vezes contrapontos às teorias econômicas produzidas na sociedade de origem da antropologia enquanto disciplina. Nas últimas décadas houve uma renovação deste debate, acompanhando a expansão capitalista dos intercâmbios de pessoas, mercadorias, ideias e infraestruturas. A Antropologia da Economia vem ganhando espaço no Brasil e a procura pelo GT nas RBAs de 2018 e 2020 são prova disso. O objetivo do GT é continuar o fomento do diálogo entre pesquisadores e explorar etnograficamente a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite, com suas ambiguidades e fluxos que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico com outras esferas tais como: as práticas familiares, o meio ambiente, as religiões, as artes, a religião, as moralidades, o Estado e assim por diante.

Reflexões sobre as condições e motivações que levam mulheres ao empreendedorismo

Autoria: Ana Carolina Machado Fernandes

Virginia Woolf (2014) em "Um teto todo seu" faz um questionamento sobre porque as mulheres não escreviam ficção tanto quanto os homens. E destacava se haveria entraves encontrados por elas que teriam tornado esse ofício tão difícil. Ela se faz uma pergunta constante: "Qual é o estado de espírito mais propício para o trabalho criativo?". Teriam as mulheres condições para criar? E quais condições seriam essas? Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a experiência de algumas mulheres com o "empreendedorismo". Digo algumas levando em consideração que as experiências são múltiplas e distintas, mas que também apresentam similaridades e padrões em alguns tópicos. Ser uma empreendedora no âmbito dessa pesquisa envolve liderar um negócio próprio. A partir de entrevistas em profundidade com mulheres que tinham negócios próprios busquei compreender algumas questões: Quais são os desafios que elas encontram? Quais são as suas motivações? Quais entraves atravessam suas trajetórias? E como elas constroem suas próprias noções sobre empreender? Lima (2008) em "Sujeitos e objetos do sucesso: antropologia do Brasil emergente", diz que só os homens eram vistos na mídia como batalhadores, mas essas empreendedoras muitas vezes se auto nomeiam dessa forma. Mas como Denise disse durante a nossa conversa, muitas vezes são batalhas diferentes, que partem de realidades e contextos muito distintos. O número de mulheres empreendedoras no Brasil é alto, mas não necessariamente porque elas optam por esse caminho como uma escolha pessoal livre de pressões. Muitas empreendem por não terem muitas oportunidades em empregos formais e com carteira assinada. Outras porque precisam estar com os filhos, não podem se ausentar da criação deles, pois não tem como custear que sejam cuidados por outras pessoas. Nem sempre é uma escolha por ideal de vida, mas sim por necessidade e falta de outras oportunidades. Mas mesmo as que têm mais condições de escolha encaram muitos dilemas na caminhada "empreendedora".

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

